



## A APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

**SOUZA, Ademilson Pereira**<sup>1</sup>

**RAMOS, Luana Paula Lopes**<sup>2</sup>

**SANTOS, Rosiléa Alves dos**<sup>3</sup>

**SILVA, Samuel Pinheiro da**<sup>4</sup>

### Resumo

O presente estudo, trata-se de uma abordagem sobre a aprendizagem, através da perspectiva teórico-epistemológica que constituem a Educação do Campo. Este estudo tem por objetivo evidenciar as formas de aprender com uso das mediações pedagógicas existentes na Pedagogia da Educação do Campo. Por meio de uma pesquisa bibliográfica pretendeu-se uma abordagem crítica da aprendizagem, apresentando teóricos clássicos como Vygotsky (1991), Freire (2014) e aqueles que fundamentam a Educação do Campo, como Caldart (2002). Dessa forma, pretende estimular futuros estudos sobre a temática, de forma que, o ensino e aprendizagem sejam ainda mais estudados por pesquisadores e também por educadore(as), que se encontram em suas diversificadas salas de aula. Sobretudo, visa evidenciar as formas de aprendizagem difundidas nas Escolas do Campo, da Educação Básica.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Mediações Pedagógicas. Educação do Campo. Educação Básica.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal do Espírito Santo, Pós-Graduação em Gestão Escolar e Membro do Centro de Formação Maria Olinda (CEFORMA). Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: ademilsonps@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestrado em Linguística aplicada pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, Professora da rede municipal de Educação de Conceição da Barra/ES E-mail: professoralualopes@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia, Especialização em Gestão da Escolar e Educação Inclusiva, Graduanda em Educação do Campo: Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: rosilea.dejalma@gmail.com

<sup>4</sup> Mestrado em Ensino na Educação Básica pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB), Professor da rede municipal de Educação de São Mateus/ES e professor de Ensino Superior no Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: samuelmore1@gmail.com





## Introdução

A aprendizagem é um tema frequentemente discutido e debatido, seja por educadores no cotidiano ou por pesquisadores, que se dedicam essencialmente a essa questão. No decorrer da História, Vygotsky aparece na literatura acadêmico-científica como uma grande referência.

Com o objetivo de ampliar metodologias de ensino e aprendizagem nas escolas, a Educação Básica passou a ser contagiada por esse debate. Isso possibilita melhorias do ensino como políticas públicas e contribui na formação dos sujeitos envolvidos na educação, sejam eles educadores(as) ou educandos.

Nesse processo, considera também importante entender a aprendizagem de grupos, considerados historicamente como minorias. Um desses grupos é a população do campo, que ao longo dos anos através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) conquistaram o que atualmente é designada como Educação do Campo, ou seja, uma Metodologia e uma Pedagogia própria para a população camponesa.

Com isso, no contexto atual é possível constatar escolas do campo em diversas partes do território brasileiro. Isso contrapõe à estrutura de Educação Rural, que eram instaladas no meio rural e reproduziam a lógica da sociedade latifundiária e do agronegócio (Fernandes; Molina, 2004). A partir de reflexão e da necessidade de se pensar uma educação crítica, o objetivo desse estudo é compreender a aprendizagem nesse contexto de comunidades camponesas que utilizam a Pedagogia da Educação do Campo, na Educação Básica.

## Aprender e ensinar: Fundamentos da aprendizagem e a Pedagogia da Alternância

A aprendizagem é algo complexo que já foi amplamente estudada por diversos autores cognitivistas e sócio-interacionista. Ainda assim, nos sentimos movidos a novas pesquisas devido as experiências educacionais de aprendizagens fantásticas que acontecem e que implicam na vida de diversos sujeitos.

Apesar de considerar que a capacidade de aprender não se limita a um ou outro espaço, muito pelo contrário, ela é resultado de um conjunto de elementos presentes nos diversos espaços, nesse texto reforçaremos a importância da aprendizagem no contexto da Educação do Campo e sua relação com outros espaços ocupados pelos estudantes camponeses. Isso nos direciona ao entendimento da relação que se





estabelece para a obtenção da aprendizagem, que convencionou-se chamar de ensino-aprendizagem. Assim, ao definirmos aprendizagem, nos reportamos também a tal relação. Portanto, nos cabe a tarefa aqui de compreender o que é aprendizagem e como se constitui a aprendizagem no contexto da Educação do Campo.

Para compreender como se dá a aprendizagem é necessário entender que esta capacidade do ser humano está relacionada ao meio social e a relação que é estabelecida nos diversos espaços possíveis, sendo um deles, e não o primeiro, a escola. [...] “O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola” (Vygotsky, 1991, p. 56). Ainda é importante frisar que

Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração, e determinação de tamanho (Vygotsky, p.56).

Nessa perspectiva, a capacidade de aprender está relacionada ao meio a qual criança está inserida e também sua história. Dessa forma, para entender a produção do conhecimento é primordial considerar a realidade e os fenômenos advindo dela, na elaboração de um saber crítico e transformador.

Considerando que toda aquisição de conhecimento está relacionada a História da humanidade e aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, pode-se afirmar que os sujeitos são agentes históricos. Com essa compreensão, Dermeval Saviani critica as teorias pedagógicas que não consideram esses elementos chamando-as de não críticas. Em contrapartida, fornece bases conceituais para se pensar uma educação crítica, que considera as relações sócio-históricas. Partindo desse entendimento, afirma:

Mas aqui também é preciso levar em conta que os conteúdos culturais são históricos e o seu caráter revolucionário está intimamente associado à sua historicidade. Assim, a transformação da igualdade formal em igualdade real está associada à transformação dos conteúdos formais, fixos e abstratos, em conteúdos reais, dinâmicos e concretos (Saviani, 1999, p. 74).

Sob essa ótica da aprendizagem, percebe-se a preocupação do autor em aproximar a escola dos sujeitos, tendo em vista o apontamento em transformar conteúdos formais em conteúdos reais. Com isso não descarta a escola e considera que ela tem caráter revolucionário na sociedade. Para isso, deve promover uma





aprendizagem crítica e revolucionária por meio dos conteúdos culturais que também são históricos.

Com a compreensão de que a aprendizagem antecede a escola, mas que seu desenvolvimento na escola depende da relação de conteúdos ensinados com a realidade sócio-histórica, buscamos aqui apresentar a relação de aprendizagem no contexto da Educação do Campo. Para compreender como essa relação se constrói é preciso, em primeiro lugar, saber quem são considerados os sujeitos do campo.

O campo tem diferentes sujeitos. São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóia-fria, e outros grupos mais. Entre estes há os que estão ligados a alguma forma de organização popular, outros não; há ainda as diferenças de gênero, de etnia, de religião, de geração; são diferentes jeitos de produzir e de viver; diferentes modos de olhar o mundo, de conhecer a realidade e de resolver os problemas; diferentes jeitos de fazer a própria resistência no campo; diferentes lutas (Caldart, 2002, p. 21).

A diversidade de povos e culturas existentes no campo nos faz pensar que existem variadas formas de aprender. Isso porque cada grupo traz consigo suas histórias e realidades, com diferentes formas de resistência e lutas para se afirmarem. Sendo assim, são necessárias formas de educação específicas com esses povos. Foi com essa preocupação que se iniciou e se afirmou a proposta de Educação do Campo, a partir da iniciativa dos movimentos sociais com diversos intelectuais.

A Educação do Campo se identifica pelos seus sujeitos: é preciso compreender que, por trás de uma indicação geográfica e de dados estatísticos isolados, está uma parte do povo brasileiro que vive neste lugar e desde as relações sociais específicas que compõem a vida no e do campo, em suas diferentes identidades e em sua identidade comum; estão pessoas de diferentes idades, estão famílias, comunidades, organizações, movimentos sociais. (Caldart, 2004, p.18).

Junto a proposta de Educação do Campo, foi elaborada uma metodologia com intuito de promover o diálogo entre os sujeitos do campo e a escola, inspirada na “Pedagogia da Alternância”, que amplia os tempos de formação.

Cada etapa é constituída de um Tempo-Escola (TE) e de um Tempo Comunidade (TC). O TE é o período de realização das atividades presenciais (na Escola) do curso. [...] O TC é o período de realização das atividades de estudos a distância, de práticas pedagógicas complementares àquelas habitualmente realizadas pelos/as participantes (Caldart, 1997, p. 98 e 99).





Por meio do TE e TC é possível estabelecer uma relação profunda entre o conhecimento científico e a realidade dos estudantes numa construção dialógica do processo de ensino-aprendizagem. Nessa dinâmica, a aprendizagem e construção do conhecimento são fundamentados com os sujeitos do campo, através do conhecimento que é levado das comunidades para a escola e da escola para a comunidade. O objetivo é construir uma proposta de educação transformadora da realidade e da própria prática, seja discente ou docente. Além do diálogo entre comunidade e escola, também se ampliam as possibilidades de aquisição e construção do conhecimento.

Sobre a função dialógica do aprender e ensinar, Paulo Freire (2014, p. 26) afirma:

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

Segundo Freire, na relação de aprender e ensinar, ambos aprendem e ensinam, embora o ato de aprender tenha precedido o de ensinar. Essa compreensão no contexto da educação nos ajuda a avançar no entendimento de como se dá a relação ensino-aprendizagem, isso porque reforça a crítica da aprendizagem como mero processo de transmissão e assimilação. Nesse entendimento, os estudantes passam a interferir no processo de aprendizagem e ensinam ao aprender. Essa forma ampliada de conceber a aprendizagem não retira o mérito de ensinar, mas afirma o diálogo para a construção crítica do conhecimento. Segundo o autor:

Ensinar inexistia sem aprender e vice e versa, e foi aprendendo socialmente que historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos métodos de ensinar (Freire, 2014, p. 25 e 26).

A partir dessa afirmação compreendemos que o processo de ensino-aprendizagem se constrói socialmente. Assim como aprender antecede a escola, historicamente e socialmente os seres humanos “aprenderam” maneiras de ensinar. Reconhecendo a capacidade das pessoas aprenderem, se reconhece as condições dos seres humanos como sujeitos históricos.







Esse reconhecimento e a fundamentação de uma pedagogia progressista, realizada por alguns educadores, entre eles Freire e Saviani, nos coloca numa posição de entendimento, criticamente necessária, do processo de ensino-aprendizagem no contexto da educação. Isso nos ajuda a pensar e decidir qual educação que queremos diante de uma sociedade capitalista e opressora, que impõe modelos de educação para a manutenção desse sistema. A respeito desse modelo opressor de educação os autores progressistas alertam sobre a manutenção da opressão. Através de crítica contundente, Freire à define como “educação bancária”, que, segundo o autor [...] “mantem e estimula a contradição” (1987, p. 34).

## **Caracterização da Educação do Campo: Mediações Pedagógicas**

A Educação do Campo é caracterizada por adotar esta postura crítica e progressista, compreendendo que as contradições postas pelos interesses dominantes devem ser combatidas durante o ato de aprender e ensinar. Portanto, definir o modo de educação com os sujeitos do campo é primordial. Entendemos que:

A origem da educação rural está na base do pensamento latifundista empresarial, do assistencialismo, do controle político sobre a terra e as pessoas que nela vivem. [...] Enquanto a Educação do Campo vem sendo criada pelos povos do campo, a educação rural é resultado de um projeto criado para a população do campo, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos e seus protagonistas (Fernandes; Molina, 2004, p. 37).

Com o entendimento dessa contradição e a necessidade de luta permanente é que o processo de aprendizagem no contexto da Educação do Campo também se caracteriza pela luta contra os interesses dominantes. Interesses estes, que foram mantidos historicamente por meio da Educação Rural, mas que aqui é criticada e combatida. Com o objetivo de uma educação crítica e libertadora é que se pensou a Educação do campo.

“A perspectiva da Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino (Caldart, 2004, p.18).

Ser autor da própria história. Este é um dos papéis e comprometimento da proposta de Educação do Campo. Como apresentado nesse texto, existe uma diversidade de povos que são considerados sujeitos do campo. Nesse entendimento,





cabe nos perguntar: Como são consideradas essas diversidades no processo de aprendizagem? Quais os elementos constitutivos da Educação do Campo que ampliam a formação crítica dos sujeitos? São perguntas norteadoras que despertam diversas formas de pensar a educação.

Devido a luta histórica pela Educação do Campo, no início da primeira década do século XXI foram elaboradas as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Esse é um amparo legal que legitima o funcionamento das escolas do campo na perspectiva da Educação do Campo. Pela diversidade existente no campo, ainda existem outras diretrizes para garantir direitos historicamente negados, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Esses são direitos legais de garantir a aprendizagem considerando diferenças essenciais existentes no campo.

No contexto escolar, a Educação do Campo possui diversas Mediações Pedagógicas para tornar a aprendizagem socialmente significativa e com respeito as diversidades do Campo. Como exemplo, podemos citar o caderno da realidade, a auto-organização, as míticas, entre outras. O caderno da realidade é onde o estudante registra sua “vida escolar”, ou seja, tudo que é resultado de experiências vividas durante o percurso de formação. Já a auto-organização é uma forma de envolver estudantes nas atividades escolares dentro da sala de aula e também fora dela. Esta é baseada na definição de Pistrak (2011), já a mística é a motivação que inicia qualquer atividade proposta.

Também é comum as escolas do campo adotarem os “temas geradores”, para que numa perspectiva freiriana, os saberes populares possam ser estudados e resinificados na escola. Mizukami (1986, p. 100) assinala para a importância do tema gerador, da seguinte forma

A busca do tema gerador objetiva explicitar o pensamento do homem sobre a realidade e sua ação sobre ela, o que constitui a sua práxis. Na medida em que os homens participam ativamente da exploração de suas temáticas, sua consciência crítica da realidade se aprofunda.

Dessa forma, o que se pretende é uma aprendizagem significativa, relacionada diretamente com as realidades e diversidades do campo. Este um dos mais importantes elementos constitutivos da Educação do Campo, pois promove a





aprendizagem, considerando as realidades diversas dos estudantes e os saberes científicos presentes em cada área de conhecimento na figura dos professores e professoras.

Estes e outros elementos constitutivos da Educação do Campo, também são mecanismo utilizados para a aproximação entre teoria e prática. Ou seja, uma forma de aprendizagem complexa e que exige uma aproximação necessária. Evidenciar os saberes do campo e afirmar o caráter transformador da realidade foi historicamente uma preocupação de estudiosos da temática e debatidos na atualidade.

O desafio teórico atual é o de construir o paradigma (contra-hegemônico) da Educação do Campo: produzir teorias, construir, consolidar e disseminar nossas concepções, ou seja, os conceitos, o modo de ver, as idéias que conformam uma interpretação e uma tomada de posição diante da realidade que se constitui pela relação entre campo e educação. Trata-se, ao mesmo tempo, de socializar/quantificar a compreensão do acúmulo teórico e prático que já temos, e de continuar a elaboração e o planejamento dos próximos passos (Caldart, 2004, p.11).

Com isso, conseguiu-se afirmar a Educação do Campo como forma de aprender em várias escolas da Educação Básica pelo Brasil. Não menos importante, foi a conquista do curso de Licenciatura em Educação do Campo, que também vem ocorrendo em várias Universidades de todo país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é importante destacar que a aprendizagem no contexto da Educação do Campo se dá de diversas formas e não se inicia e nem se encerra no ambiente escolar. O próprio Freire (2014) aponta para o inacabamento humano. Considerando essas possibilidades de aprendizagens diversas e leitura crítica da realidade, a Educação do Campo possui estratégias educacionais de aprendizagem relacionadas a história de luta dos camponeses, da realidade e de caráter científico.

Mesmo que existam formas de ensinar e aprender que conduzem os sujeitos ao conformismo e alienação diante de uma sociedade opressora, também há formas de aprender e ensinar que conduzem a transformação dessa sociedade opressora. Nesse sentido, as perspectivas Histórico-crítica e Libertadora nos ajuda a compreender e colaborar no processo de aprendizagem dos sujeitos, no sentido de mudar o rumo da história e inverter a pirâmide social. Assim, os menos favorecidos







podem tomar consciência e transformarem a si mesmos e o mundo que os cerca.

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. **Por Uma Educação do Campo**: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

\_\_\_\_\_. Elementos para Construção do Projeto Político e Pedagógico da Educação do Campo. In: JESUS, Sônia Meire Azevedo de; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004. (Coleção Por uma Educação do Campo, 5). p. 10-31.

\_\_\_\_\_. **Educação em movimento: Formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da educação do campo. In: JESUS, Sônia Meire Azevedo de; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Brasília: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2004. (Coleção Por uma Educação do Campo, 5). p. 32-53.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias a educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política**. 32. ed. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

VYGOTSKI, L. S. **A formal Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1991.

